

*Ensino e Geografia no Livro Cidades de Papel: Conceitos geográficos na narrativa literária*

*Teaching of Geography on the novel Paper Towns: geographical concepts within the literary narrative*

*Enseñanza de la Geografía en Ciudades de Papel: conceptos geográficos en la narrativa literaria*

Francisca Linara da Silva Chaves  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
linarachaves@hotmail.com

Luiz Eduardo do Nascimento Neto  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
luizeduardo@uern.br

---

**Resumo**

O trabalho tem como objetivo analisar a geografia contida na obra literária: Cidades de Papel (2014) identificando e transcrevendo trechos da obra analisada em que conhecimentos geográficos associados às categorias de paisagem, espaço e lugar são expostos no decorrer da narrativa literária por meio de observações feitas pelos personagens da obra, de situações vivenciadas e noções espaciais relacionadas à localização. Para tanto, se fez necessário um embasamento teórico em autores que versam sobre a temática em questão. O método utilizado foi o da percepção, tendo por base os estudos de Tuan (2012 e 2013). Diante da leitura e análise da obra escolhida, identificou-se conhecimentos pertinentes ao ensino de geografia, podendo ser trabalhados pelos professores em sala de aula, facilitando, assim, aos alunos no desenvolvimento das habilidades de ler e interpretar textos e, através deles, identificar e compreender os conceitos geográficos presentes nas obras literárias. Dessa forma, entendemos que as produções literárias podem ser utilizadas como ferramentas teórico-metodológicas pelo professor no ensino de Geografia e que podem propiciar ao aluno, através das percepções das obras literárias, o desenvolvimento no processo de aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Literatura. Percepção. Ensino de Geografia.

---

**Abstract**

This essay has as main goal to analyze the Geography which is internalized in the literary work *Paper Towns* (2014), by identifying and transcribing excerpts of it in which geographical concepts are exposed along the narrative. In order to do so, a

theoretical basis was fundamental in authors that deal with the subject at issue. The method that was used was the one of perception, which is based on the studies of Tuan (2012 and 2013). In view of the reading and analysis of the chosen work, some concepts related to geography teaching were identified and could be used by teachers in the classroom, thus facilitating students in the development of reading and interpreting texts and, through them, opportuning them to being able to identify and understand the geographical concepts present in literary works. In this way, we understand that literary productions can be used as theoretical-methodological tools by the teacher in the teaching of Geography and that can provide the student, through the perceptions of literary works, the development in the learning process.

**Keywords:** Literature. Perception. Teaching Geography.

---

### Resumen

Este ensayo tiene como objetivo principal analizar la Geografía que se internaliza en la obra literaria *Paper Towns* (2014), identificando y transcribiendo extractos de ella en los que se exponen conceptos geográficos durante la narrativa. Para eso, una base teórica fue construida en los autores que tratan el tema en cuestión. El método utilizado fue el de percepción, que se basa en los estudios de Tuan (2012 y 2013). En vista de la lectura y el análisis del trabajo elegido, se identificaron algunos conceptos relacionados con la enseñanza de la geografía y los maestros los podrían utilizar en las clases, facilitando así a los estudiantes el desarrollo de la lectura y la interpretación de textos y, a través de ellos, la oportunidad de hacerlo. Así como ellos ser capaces de identificar y comprender los conceptos geográficos presentes en las obras literarias. De esta manera, entendemos que las producciones literarias pueden ser utilizadas como herramientas teórico-metodológicas por el profesor en la enseñanza de la geografía y que pueden proporcionar al estudiante, a través de las percepciones de las obras literarias, el desarrollo en el proceso de aprendizaje.

**Palabras clave:** literatura. Percepción. Enseñanza de la Geografía.

---

## Introdução

A Geografia é uma ciência que não se limita apenas ao estudo dos seus conceitos-chave. Está aberta a dialogar com diferentes áreas científicas, sem perder sua essência. A literatura é uma dessas áreas, a qual a Geografia pode estabelecer uma relação interdisciplinar, utilizando obras literárias as quais o geógrafo pode realizar análises acerca de conteúdos geográficos, contidos na produção de suas obras.

O laboratório do geógrafo é o mundo, mas nem sempre conseguimos visitar todos os lugares, conhecer diferentes culturas, etnias e povos, *in loco*. Uma das formas que podemos utilizar para compreender e conhecer diferenças locais e globais, é através da leitura das obras literárias, por meio dos elementos descritos pelos autores, onde podemos, com base na visão do escritor, refletir sobre as realidades diversas. Deste modo, “[...] Ler e interpretar obras literárias pode tornar-se para os geógrafos, um dos meios de investigação da realidade humana e suas ações no meio natural. [...]” (SOUZA, 2014, p. 27). Os livros literários tornam-se assim, ferramentas de conhecimento, que permitem despertar nos geógrafos um olhar analítico das ações dos personagens.

Nessa perspectiva, buscamos, em nosso trabalho, encontrar a Geografia que se faz presente nas entrelinhas dos livros literários. Para isso, optamos por trabalhar uma

obra fictícia que aponta descrições relacionadas aos aspectos do cotidiano citadino, percepções sobre conhecimentos geográficos. Buscamos assim, com esse trabalho, possibilitar o interesse em obras que possam ser utilizadas por professores de Geografia. A obra fictícia trabalhada do universo literário é o livro intitulado Cidades de Papel (2014) de John Green; uma obra norte-americana<sup>1</sup>.

Como aporte metodológico para análise da referida obra, realizamos leituras em referenciais sobre a temática de Geografia e literatura, em Araújo (2007), Antonello (2010), Bastos (1998), Souza (2014), Tuan (2012, 2013), entre outros, verificamos a ligação entre essas duas vertentes de conhecimentos e de trabalhos relacionados ao tema, espaço para campo de pesquisa a serem aplicadas ao ensino em Geografia. Percebemos a necessidade de uma leitura atenta e analítica, a respeito dos detalhes que narram a estória dos livros literários e que deixamos passar despercebidos.

Para a realização deste trabalho como referido baseamo-nos no método da percepção de Yi-Fu Tuan, nas obras: *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013). O método perceptivo necessita de um olhar aguçado que permita enxergar a visão do escritor no decodificar dos lugares a partir da trama realizada pelos personagens no decorrer da estória.

Objetivamos, com esse trabalho, uma análise da obra escolhida, por meio de recorte de trechos, onde pudemos identificar conhecimentos referentes às categorias geográficas, exaltando a percepção ao realizar a leitura de obras literárias, possibilitando a compreensão do contexto em que foram escritas. Como geógrafos, devemos nos ater aos detalhes visíveis nas paisagens que nos cercam, mas também analisar através da escrita. Isso nos leva a conhecer diferentes realidades, sem precisamente sairmos de nosso local, além de que, a percepção pode ser utilizada em sala de aula pelo professor, possibilitando a descrição de lugares e entendimento do espaço.

### **Percurso Metodológico**

Na maior parte do artigo, utilizamos como principal expoente de estudos da percepção, Tuan (2012; 2013), no intuito de analisar a descrição dos lugares, perpassando pelos sentimentos de apego telúrico aos lugares e aos espaços contidos na obra literária do autor que ora analisamos. Esse método exalta a utilização dos sentidos para compreender o espaço que nos rodeia, e que nas obras literárias são expressas por meio da narrativa do autor nas tramas dos personagens presentes nas mesmas.

Para entender o estudo da percepção abordado por Tuan, escolhemos 02 (duas) de suas obras: *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), as quais realizamos a

---

<sup>1</sup> A justificativa para a escolha de uma obra estrangeira foi pelo fato dos autores já terem lido e identificado a riqueza de conhecimentos geográficos presentes na narrativa e também por ser uma obra inédita que não consta na análise de outros trabalhos voltados para a temática, sendo mais próxima do público jovem.

leitura e análise, possibilitando assim um suporte teórico para auxiliar no desenvolvimento do trabalho.

A fase inicial do trabalho caracterizou-se pela pesquisa de levantamento bibliográfico de artigos, capítulos de livro, dissertações, monografias e livros, dentre outros aportes teóricos que apontassem a temática da Geografia e literatura, ação essa necessária para apropriação da temática e para o debruçar nas obras que propomos analisar. Fez-se necessário pesquisar também autores que trabalham com conceitos geográficos, sendo encontrados na narrativa do autor por meio dos personagens.

Em seguida, realizamos leitura do material selecionado, mediante as orientações baseando-se em trabalhos e autores que apresentam discussões teóricas e empíricas sobre a temática da Geografia e literatura, subsidiando assim o trabalho que ora apresentamos.

Para concretização do trabalho, lemos e analisamos a obra literária já mencionada. Na narrativa da mesma fonte, percebemos a presença da Geografia em suas entrelinhas, onde foi possível identificar e analisar, elementos e aportes geográficos contidos nas descrições da estória narrada pelo autor. Dentre estas, escolhemos determinados fragmentos literários a serem apresentados no decorrer do texto.

### **Dialogando sobre Geografia e Literatura**

Segundo Amorim Filho (2010), as primeiras obras literárias estudadas com um viés geográfico foram livros que narravam histórias de viagens principalmente na Grécia antiga, em que o conhecimento geográfico surgia como contexto e cenário para obras literárias de ficção, como a *Odisséia de Homero*, ou os *Argonautas de Apolônio de Rodes*. Já em um período mais avançado da Idade Média, aparece a obra de Marco Pólo, intitulada *O livro das maravilhas*, que narra histórias de grandes navegações, onde os elementos destacados eram as paisagens descritas por esses viajantes, permitindo que o leitor possa por meio da imaginação, criar em sua mente as formas desses lugares através da quantidade de detalhes narrados pelo escritor. Como ele cita na mesma obra, “as viagens, explorações e aventuras, independentemente ou não de finalidades científico-geográficas, respondem a algumas necessidades naturais do ser humano: curiosidade, espírito de aventura, gosto pelo enfrentamento de riscos etc...” (AMORIM FILHO, 2010, p. 81).

Percebemos assim que geografia e a literatura percorrem um caminho de confluências desde a Grécia, e hoje continua a despertar o interesse de geógrafos que se deparam com obras literárias repletas de conhecimentos geográficos, possibilitando assim a realização de correspondências entre a narrativa e conceitos pertinentes à ciência geográfica.

A capacidade humana de imaginar o contexto no qual são narradas as estórias dos lugares, a paisagem que cerca os personagens e o todo, os acontecimentos que influenciam na sua personalidade são fatos essenciais a serem buscados nas obras literárias. É geralmente nelas que se “esconde” uma construção de conhecimentos geográficos. Por isso a importância de se atentar aos detalhes, de tentar pôr-se dentro da

estória para compreender a essência do seu enredo. Como destaca Antonello (2010, p. 172), “O discurso literário transporta o leitor para a temporalidade na qual se pauta o desenrolar do drama narrativo, possibilitando-lhe inserir-se no tempo e no espaço ali vivenciado [...]”.

Quando lemos uma obra literária, somos transportados para o universo criado pelo escritor, de forma que nosso corpo permanece parado, mas nossa mente percorre todos os lugares descritos, redesenhando conforme sua imaginação, as paisagens descritas ao longo da obra.

Olanda e Almeida (2008) destacam que, o que deve ser levado em consideração nas obras literárias, são os espaços vividos pelos personagens, os vínculos que eles mantêm com os lugares, o enfoque cultural sobre o espaço abordado e o personagem como ser social inserido nessa conjuntura. Notadamente, algumas obras podem ser fontes espelhadas na realidade do autor, na forma como ele vê o mundo e do contexto em que ele está inserido.

Um livro não surge do nada, há sempre uma mensagem que o autor quer passar por meio da sua escrita, ou um sentimento que deseja despertar no outro, dessa forma, é impossível dissociar a obra do seu autor.

Souza (2014, p. 11) destaca que “a ciência geográfica se utiliza do espaço como objeto de estudo para conhecer a realidade e a literatura, por sua vez, para representar essa realidade. [...]” Ou seja, a literatura busca no decorrer da escrita, representar a realidade, proporcionar ao leitor o conhecimento de novas culturas, paisagens, contextos históricos, etc.

Por estar inserido na sociedade, sua escrita pode sofrer influência das observações que realiza acerca do seu entorno, mesmo que não transpareça de maneira direta, há muito de sua experiência naquilo que escreve, mesclando realidade e ficção em um mesmo local.

O escritor é integrante da sociedade e por isso pode refletir e escrever sobre sua espacialidade, dessa forma, construindo uma identidade não só particular, mas também espacial, já que alguns fatos podem não estar restritos apenas a uma realidade, mas também a outros lugares, e o leitor consegue muitas vezes se identificar com a narração (SOUZA, 2014).

Pinheiro Neto (2012) afirma que a literatura é uma forma de compreender o mundo, mesmo que a narração esteja relacionada a espaços reais ou fictícios. Sempre destacando os sentimentos ligados ao convívio do ser social com o lugar, representando muitas vezes a expressão de um tempo, conflitos de uma época, nos transportando para contextos históricos diferenciados.

O livro se torna assim, uma forma de registro, que nos permite reviver cenas que se passaram em um passado distante, mas que nos ajudam a compreender o momento atual, refletindo sobre situações de conflito, de desigualdades sociais, que

mesmo com o passar dos anos ainda não foram vencidas, pois estão enraizadas na estrutura da sociedade.

Mas para que essas observações possam ser realizadas é necessário ter um olhar crítico, não no sentido de ler uma obra apontando falhas e trazendo apontamentos negativos acerca da escrita do autor, mas buscando gerar novas interpretações, através de uma compreensão crítica dos fatos.

Acerca disso, Silva e Barbosa (2014) apontam que há uma falta de compreensão crítica nos alunos, ao lerem determinadas obras, pois se deixam guiar apenas pela curiosidade acerca do enredo final. Isso os impede de perceber que no desenrolar da trama surgem observações que contribuem para o entendimento do espaço geográfico.

O escritor, ao escrever, expõe suas ideologias, e o leitor, na sua visão, interpreta o que está escrito, concordando ou não com o escritor. (BASTOS, 1998) Quando lemos uma obra entramos em diálogo com o autor, podendo assim concordar ou não com seus argumentos e pontos de vista, mas buscando entender os motivos que o levaram a apresentar determinada visão dos fatos, levando em consideração o contexto em que a obra foi escrita.

Segundo Carvalho (2014, p. 87), “[...] os textos literários colocam-se como um valioso material, sobretudo por sua evocação da atmosfera dos lugares e do cotidiano social. [...]”. O conceito de identidade, o pertencimento ao lugar, o espaço vivido do personagem, seu cotidiano, as relações sociais presentes, enfim, inúmeras temáticas podem ser encontradas nos livros literários.

Como exemplo, Araújo (2007) cita em sua pesquisa, a obra literária de Jorge Amado, que conta fatos históricos que dizem respeito ao processo de construção do espaço brasileiro, do pelourinho na Bahia, tendo em vista sua realidade. Enquanto baiano, procurou, em suas obras, trabalhar questões relacionadas às relações sociais entre as pessoas, aos conflitos existentes, à identidade e à cultura local, o que faz de sua obra uma importante ferramenta para compreensão da realidade do Pelourinho na Bahia.

De mesma feita, Ferreira (2015) apresenta um estudo relacionando literatura e cidade, a forma como o meio urbano é representado nas obras literárias, enfocando principalmente a cidade de São Paulo, a partir de 04 (quatro) obras: *O Invasor*, de Marçal Aquino, *O Matador*, de Patrícia Melo, *Angu de Sangue*, de Marcelino Freire, e *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho. Seu destaque refere-se à violência que ocorre no meio urbano, e os que estão sujeitos ao crime. Segundo o autor, por não terem outra opção, usam o elemento de exclusão social como forma de se tornarem reconhecidos ou temidos pelos demais, condicionando a uma visão generalizada do espaço envolto na bandidagem.

Percebemos por meio dessas análises, que a literatura brasileira tem recebido destaque nas pesquisas dentro da temática da geografia e literatura no Brasil, tendo em vista as correspondências geográficas que podem ser traçadas a partir de suas narrativas,

contribuindo assim para uma abordagem interdisciplinar em sala de aula, a partir do momento que buscamos estabelecer esse diálogo em sala de aula.

Ao favorecer um diálogo entre essas duas áreas, geramos contribuições que podem resultar numa interpretação do mundo, através de aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos (FEITOSA, *et al*, 2012). Gerando assim uma visão ampla sobre um determinado tema que esteja sendo trabalhado em sala de aula, permitindo que os alunos tenham uma ideia do todo.

Para “enxergar” a Geografia “escondida” nas obras literárias, devemos utilizar-se da percepção e interpretação de textos para compreender as reais configurações de gênero textual. Na Geografia, um autor utilizado é Yi-Fu Tuan, que trabalha com conceitos explicitamente geográficos, além de utilizar também o corpo humano como objeto de análise para a descrição do espaço.

Estudioso da percepção, da forma como vemos e interpretamos o mundo ao nosso redor por meio dos sentidos, Yi-Fu Tuan (2012) trabalha como já mencionado com o conceito de “topofilia”, mais precisamente, o sentimento topofílico, ou seja, o elo afetivo que o homem tem com o meio ambiente. “O termo topofilia associa sentimento com lugar. [...] O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. [...]” (TUAN, 2012, p. 161).

As experiências de vida em um determinado local, o odor emanado do ambiente, as imagens e lembranças dos lugares são sentimentos topofílicos. Na literatura, esse sentimento é exposto por meio de narrativas, onde o escritor demonstra, por meio de sua escrita, as relações que os personagens estabelecem com os locais por onde eles transitam. Como ainda aponta Tuan (2012),

“[...] A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. [...] Os escritores criam personalidades fictícias; eles mesmos são personalidades com opiniões que sobressaem acima do discurso livresco de suas sociedades. [...] Os escritores, no entanto, tem alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. De seus escritos aprendemos a reconhecer a singularidade das pessoas. [...]” (p. 78)

A literatura nos permite ter uma visão sobre nós mesmos a partir do momento que nos colocamos no lugar daquele personagem vivenciando determinada situação, assim como conseguimos enxergar o outro e buscar compreender todas as circunstâncias que contribuíram para que ele agisse de determinada maneira. Percebemos que cada um de nós tem suas singularidades e que é preciso respeitar essas diferenças.

Dessa forma, é certo que leitor e escritor possuem diferentes percepções sobre um mesmo livro, pois, a partir do momento que cada um está inserido em uma realidade diferente, essa visão pode ser influenciada pela cultura e/ou pelo grupo social ao qual ele

está inserido pois, “[...] duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas. [...]” (TUAN, 2012, p. 21)

Entre as inúmeras interpretações que podem ser desencadeadas por meio da leitura de uma obra literária, deve-se também abrir espaço para as interpretações geográficas, unindo ciência e arte em um diálogo que tem muito a contribuir no âmbito da pesquisa e do ensino de geografia na educação básica.

### **Fragilidade das Cidades e das Relações Interpessoais na Obra Cidades de Papel**

A referida obra analisada no trabalho em questão, Cidades de Papel (2014), do mencionado escritor norte-americano John Green, narra a estória de Margo e Quentin, adolescentes, vizinhos e amigos desde a infância. A narrativa se passa em Orlando, na Flórida, que ganha o pseudônimo de cidade de papel, pelo fato de que os personagens identificam fragilidades e superficialidades presentes naquela cidade. No decorrer da trama, os personagens embarcam em uma viagem em busca de outras cidades de papel, para onde Margo possa ter ido após sumir misteriosamente.

Durante a narrativa é notório o conhecimento do personagem Quentin quanto a seu bairro, dos momentos vivenciados na infância, como suas lembranças do parque. “Eu já fora ao parque tantas vezes que tinha um mapa dele no cérebro [...]” (GREEN, 2014, p. 19), o mapa que ele menciona podemos chamar de mapa mental, pois podia imaginar todo o percurso até ele pelo conhecimento que detinha a respeito do parque. Como aponta Tuan (2013, p. 28) “[...] Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significativos, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. [...]”

Sobre o mapa mental, destacamos os estudos de Denis Richter (2011) na Geografia, onde destaca a importância da cartografia para o ensino, não como algo fechado, e sim com a possibilidade de que o aluno participe da construção dos mapas, por meio da imagem mental dos lugares. Nessa perspectiva, destacamos:

O mapa mental é analisado como um produto da cognição do indivíduo em referência à leitura e à interpretação das diferentes paisagens que estão presentes no espaço; em outras palavras, é a construção de um olhar mais geográfico sobre os contextos que ocorrem na sociedade. (RICHTER, 2011, p. 135)

A partir da abordagem anterior de Richter (2011), relativa ao “mapa mental”, retomamos a obra de Green (2014), elegida para a nossa maior reflexão no âmbito da Geografia e da Literatura, obra em que o escritor narra que na infância, os personagens Quentin e Margo tiveram uma experiência inesperada no parque. Como faziam muitas vezes, pegaram suas bicicletas e saíram para dar uma volta no bairro, indo em direção ao parque se depararam com a figura de um homem morto próximo a uma árvore, nesse

momento Quentin, seguindo a narrativa do autor descreve com detalhes a cena a sua frente:

A poucos metros de nós havia um carvalho. Grosso, retorcido e com jeito de muito antigo. Aquilo não era novidade. O parquinho a nossa direita. Também não era novidade. Já o cara de terno cinza largado junto ao tronco do carvalho, imóvel. Aquilo era uma novidade. Estava rodeado de sangue; uma cascata sanguinolenta meio seca saía da boca. Que por sua vez, estava de um modo que bocas normalmente não deveriam ficar. Moscas pousavam na testa pálida (GREEN, 2014, p. 10).

Na estória o autor aponta que por causa dessa experiência vivida na infância por Quentin, sempre que o mesmo passa em frente ao parque e vê o Carvalho, lembra-se daquela cena do homem morto. Um lugar que antes era sinônimo de alegria, ao ir brincar com Margo, virou sinônimo de morte e tristeza, uma lembrança que ele é incapaz de esquecer, criando assim, uma aversão ao lugar.

Lugar na geografia, é visto segundo Santos (2004) como uma porção da face da terra que é identificada através de um nome. A partir disso, o que torna o lugar específico pode ser um objeto material ou as pessoas que o habitam. Assim percebemos que um bairro, ou uma rua, são identificadas por nomes, que o tornam locais conhecidos pelos habitantes da cidade, assim como em nossa casa cada cômodo recebe uma denominação, como quarto, sala, cozinha.

Quando vivemos muito tempo em um local, visitamos lugares e construímos lembranças e sentimentos a partir das relações que estabelecemos com outras pessoas, com isso, o lugar acaba por adquirir um significado para nós, seja através de uma memória positiva ou negativa, e sempre que passarmos por aquele local, as sensações vividas no passado, invadem nossa mente como se tivessem acontecido naquele exato momento.

Quentin, diferente da amiga Margo, gostava da monotonia, da vida naquele Bairro, onde tudo era exatamente igual, já se acostumara àquela rotina como bem descreve, o autor, a usualidade do adolescente, “[...] Era cinco de maio, mas não fazia diferença. Meus dias tinham uma agradável uniformidade. E eu sempre gostei disso: eu gostava da rotina. Gostava de sentir tédio. Não queria gostar, mas gostava. [...]” (GREEN, 2014, p. 26), o fato de que já conhecia aquele local, e tudo que acontecia nele, lhe transmitia uma espécie de segurança, e por isso, preferia não se arriscar a conhecer novos horizontes. Coaduna Tuan “[...] A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes” (2013, p. 169).

A personagem de Margo conforme descreve o autor, não se contentava em viver na *Jefferson Park*, por vezes, quando saía de casa passava dias sem voltar, deixando pistas para que os pais soubessem onde ela estava. A relação com Quentin já não era a mesma da infância, já não eram tão próximos, mas um dia, ela bate na janela do quarto dele e o convida para uma noite totalmente diferente do que ele estava

acostumado, sairiam se vingando de todas as pessoas que fizeram mal a Margo. Quentin aceita, meio que hesitante, e numa das casas que vão entrar, o autor descreve as características sociais do bairro, com relação ao perfil das pessoas descritas no enredo.

Jason morava no final da rua de Karin, em um loteamento imobiliário ultrarrico chamada Casavilla. Todas as casas de Casavilla eram no estilo espanhol, com telhas vermelhas e tudo, só que não tinham sido construídas por espanhóis. Havia sido construídas pelo pai de Jason, que era um dos construtores mais ricos da Flórida (GREEN, 2014, p.44).

Há nesse trecho a noção de classes, de hierarquia, em que as pessoas com melhores condições vivem em bairros que se encaixam ao seu padrão de vida. Uma forma de demarcar o seu território, diferenciá-los dos demais. “Em qualquer grande metrópole, pessoas com rendas e status social diferentes vivem em partes separadas da cidade [...]” (TUAN, 2012, p. 285). Ou seja, vemos presente através do discurso do personagem Quentin, a questão da segregação sócio-espacial.

Também é importante destacar o conceito de espaço, que com base em Tuan (2013), “O espaço é um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado. É mundialmente um símbolo de prestígio. O ‘homem importante’ ocupa e tem acesso a mais espaço do que os menos importantes. [...]” (p.77) Ao citar que as casas do loteamento eram construídas pelo próprio pai do colega, o personagem confirma a afirmação de Tuan sobre o espaço como produtor de riqueza e poder, dando prestígio ao dono que pode ser visto como um homem importante, pelo acesso que ele possui a essa grande quantidade de espaço.

As descrições de Quentin sobre a sua cidade estão presentes no decorrer da obra. Ele descreve os locais com detalhes, como o centro da cidade, sabendo diferenciá-los a forma como estes locais são usados durante o dia e a noite, apresentando uma percepção aguçada sobre o espaço que o cerca, assim podemos analisar o seu conhecimento no seguinte trecho:

Turistas nunca visitam o centro de Orlando porque não há nada para ver a não ser uns arranha-céus de bancos e companhias de seguro. É o tipo de centro de cidade que fica completamente deserto à noite e nos fins de semana, com exceção de algumas boates frequentadas pelos muito desesperados ou muito toscos [...] (GREEN, 2014, p. 48).

Além de fazer uma descrição da paisagem urbana do centro de Orlando, vê-se a identificação dos diversos usos dos locais da cidade, em que durante o dia as pessoas vão para o centro resolver negócios, questões bancárias, fazer compras, ou seja, movimentos cotidianos das pessoas consumindo os lugares ou indo para trabalhar. Enquanto que a noite ela perde totalmente essa função, ganhando outros usos.

A aventura dos dois personagens, Quentin e Margo, segue até o *SunTrust*, um prédio que exibía uma vista perfeita de Orlando a noite, todas as suas ruas, bairros,

subúrbios, e é no alto desse prédio que Margo faz uma descrição de Orlando, da forma como ela a enxergava, como uma cidade de papel, pois julgava que a cidade transmitia um aspecto de fragilidade, falsidade, ruas sem saídas, pessoas que fingem viver uma vida feliz, etc. Vejamos abaixo:

[...] Daqui não se vê a poeira ou a tinta rachando ou sei lá o quê, mas dá para ver o que este lugar é de verdade. Dá para ver o quanto é falso. Não é nem consistente o suficiente para ser feito de plástico. É uma cidade de papel. Quer dizer, olhe só para ela, Q: olhe para todas aquelas ruas sem saída, aquelas ruas que dão a volta em si mesmas, todas aquelas casas construídas para virem abaixo. Todas aquelas pessoas de papel vivendo suas vidas em casas de papel, queimando o futuro para se manterem aquecidas [...] (GREEN, 2014, p. 51).

Margo enxerga a cidade como algo superficial, em que as pessoas vivem em uma realidade falsa, pessoas superficiais, de papel e mostrando apenas aos outros o que elas desejavam ver. Casas com belas arquiteturas, mas que eram de papel, por serem frágeis, e poderem ser destruídas e abandonadas a qualquer momento. Ruas sem saída que não levavam a lugar algum. Vemos ainda no trecho descrito acima, a questão ambiental, a partir do momento que as pessoas queimam a madeira na lareira para se manterem aquecidas, quando na verdade estão queimando algo que irá fazer falta no futuro.

Tudo isso causava uma frustração na personagem de Margo, pois até mesmo ela, sentia-se feita de papel, pois ninguém a conhecia de verdade, viam apenas o seu exterior, e é por esse motivo que ela acaba saindo novamente da cidade, em mais uma de suas viagens, só que essa durará bem mais do que as outras.

Depois que Margo sumiu, Quentin, começou a achar pistas deixados por ela, que em sua opinião, o levariam até o seu destino atual. Indo a um dos lugares que as pistas de Margo o levaram, ele passa por paisagens que faziam parte de sua rotina, uma paisagem bastante comum, e o autor a descreve no decorrer do seu trajeto até umas lojas abandonadas:

Dirigimos por toda a Colonial Drive e passamos pelos cinemas e pelas livrarias que eu vira pela janela do carro durante toda a minha vida. [...] Depois de trinta quilômetros, Orlando deu lugar as últimas laranjeiras e a pequenas fazendas – a terra infinitamente plana, o mato espesso, o musgo grudado aos carvalhos, tudo quieto e um calor sem brisa [...]” (GREEN, 2014, p. 114)

O autor narra o conhecimento de Quentin sobre o seu lugar, a cidade em que nasceu e viveu, ele a conhece como a palma da sua mão, por isso, consegue descrevê-la tão bem. Mas fora da cidade, o mundo parecia estranho e desconhecido, pois nunca saíra dos arredores, algo que o sumiço de Margo, o levará a fazer, permitindo que com seus

amigos embarque em uma viagem que nunca havia planejado saindo totalmente de sua rotina.

Durante a viagem nos deparamos com trechos como o acima citado, em que há descrições das paisagens pelas quais os personagens passam através da busca por Margo. Com isso, destacamos o conceito de Paisagem, abordado por Santos (2006) “[...] A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.” (p. 66)

As formas que eles observavam através da janela do carro, representavam a herança de diversas épocas, algumas presentes desde a infância dos personagens. Também notamos a presença de plantações de laranjas e de fazendas, remetendo à relação estabelecida entre o homem e a natureza que se utiliza de seus recursos para produzir e adquirir seu sustento.

A expressão “Cidades de papel”, acaba por virar uma pista na busca de Quentin por Margo, fazendo com que ele mapeie todos os bairros fantasmas existentes nos arredores, já que Margo deixou escrito em uma loja abandonada: “Você vai para as cidades de papel e nunca mais voltará” (GREEN, 2014, p. 123). A sua busca inicia por esses bairros, ele pesquisa na *internet*, vê sua localização e vai ao encontro desse lugar, atrás de pistas. Em um dos locais visitados ele descreve a paisagem através da visão e do olfato:

[...] Enquanto caminhava ao longo das duas ruas, eu sentia o calor em meu nariz a cada respiração. O sol escaldante dificultava meu progresso, mas eu conhecia a bela, se não mórbida, verdade: o calor faz a morte feder, e Grovepoint Acres cheirava a nada além de ar cozido e escape de carro – o acúmulo de tudo aquilo que exalamos mantido pela umidade junto à superfície (GREEN, 2014, p. 128).

Nesse trecho o autor descreve que o personagem consegue observar a paisagem por meio de sua visão, mas também consegue senti-la através do olfato, por causa dos odores emitidos pelo lugar. O cheiro de morte que o local exalava, fazia com que ele pensasse na possibilidade de que Margo pudesse estar morta, que tivesse dado um fim a sua própria vida. Então ele imaginava que poderia encontrá-la a qualquer momento da forma como encontraram aquele homem morto no parque, na infância. “O odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas. [...]” (TUAN, 2012, p. 27).

Percebemos nesse trecho que uma paisagem pode ser descrita tanto com relação às suas características físicas observáveis, quanto por meio dos sons e odores presentes no local, remetendo a situações vivenciadas em outro momento e que marcam a vida do sujeito, despertando sentimentos e sensações familiares. No caso de Quentin, foi despertada uma lembrança na qual ele estava junto com Margo, fazendo com que a busca se torne ainda mais difícil, ao incluir o medo de encontrá-la morta.

Durante as buscas, Quentin visitou vários bairros fantasmas nos arredores de Orlando, mas como não obteve sucesso em sua busca, percebeu que talvez precisasse sair da cidade para encontrá-la. Após folhear alguns mapas, imaginando em qual lugar ela poderia estar, Quentin observa, “Continuei pensando em mapas, no jeito como, quando eu era criança, às vezes ficava folheando vários atlas, e só de olhar me sentia como se estivesse em outro lugar. Era isso que eu precisava fazer. Eu precisava ouvir e me imaginar no mapa dela” (GREEN, 2014, p. 174).

O personagem pesquisa possíveis locais em que Margo poderia estar em Nova York, já que tinha certeza que ela não se encontrava mais em Orlando. Então ao fazer uma busca no *Omnictionary*, uma enciclopédia criada por Radar, um de seus amigos, conseguiu listar alguns lugares, entre eles, Agloe, que segundo as informações do *site*, era considerada uma cidade de papel. Abaixo dessas informações sobre Agloe, havia o comentário de um usuário misterioso, falando que a população de Agloe iria ser de um habitante até o dia 29 de maio ao meio-dia.

Ao ver essa mensagem Quentin identifica que se tratava de Margo, pois ela sempre escrevia palavras com letras maiúsculas no meio das frases. Descobriu que tinha menos de vinte e quatro horas para chegar a Agloe antes que Margo sáísse de lá. Então ele abandona a colação de Grau do terceiro ano que seria naquele mesmo dia, e liga para seus amigos que se propuseram a viajar com ele, traçaram uma rota, fizeram os cálculos da velocidade que deveriam manter para chegar na hora certa e deram início a viagem, a procura de Margo, a primeira vez que Quentin sairia da sua cidade natal.

Durante o trajeto de viagem, o autor tenta demonstrar que Quentin é um bom observador, pois faz descrições das paisagens por onde passam, aquilo que consegue observar pela janela do carro, o qual está dirigindo. Diz ele, “[...] Agora seguimos para o norte, na rodovia I-95, subimos próximo à costa da Flórida, mas não exatamente nela. O caminho é cercado por pinheiros finos demais para a altura deles, mais ou menos como eu. [...]” (GREEN, 2014, p. 198). Nos Estados Unidos, o mesmo ressalta um certo pré-conhecimento acerca da paisagem das rodovias, “Uma fileira estreita de carvalhos escondem os milharais que se estendem até o horizonte. A paisagem muda, mas só ela. Grandes rodovias como esta transformam os Estados Unidos em um único lugar: McDonald 's, postos BP, Wendy' s. [...]” (GREEN, 2014, p. 224).

A presença dessas empresas nas rodovias é algo comum para quem viaja, pois estão presentes em todos os lugares, por onde se passa, isso devido a globalização, que permitiu a espacialização desses negócios por todo o mundo. Com a globalização o mundo se torna fluido, sendo caracterizado pela velocidade, deslocamentos e movimentos que trazem a ideia de aproximação e distribuição de serviços. (SANTOS, 2006)

Segundo Tuan, “[...] Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo. [...]” (2013, p. 18). Quentin pela primeira vez saía dos arredores de Orlando, uma experiência única para o personagem

que trará aprendizados, fazendo que não se prenda a sua rotina e possa conhecer novos lugares, pessoas, etc.

Em outro trecho do livro é possível perceber que Quentin apesar de nunca ter saído de Orlando, já havia imaginado como certos locais seriam, então na viagem, ele pode confirmar ou refutar algumas de suas hipóteses como ao chegar em Nova York, “[...] Sempre pensei em Nova York como uma metrópole gigante e em constante crescimento, mas estamos em um mar de morros, os quais a minivan vence heroicamente a cada subida. [...]” (GREEN, 2014, p. 229).

Esse trecho anterior lembra o que Tuan (2013, p. 110) escreve sobre a imagem que criamos de um lugar por meio da imaginação “[...] Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade. [...]”. É o que acontece com o personagem Quentin ao imaginar Nova York e que acabou não sendo da forma imaginada.

Após encontrar Agloe, Quentin logo encontra Margo, em um celeiro abandonado com o carro dela ao lado. Após discutirem sobre o porquê dela ter ido embora, sobre o fato de que ele havia imaginado uma Margo diferente da que encontrou, ela explicou o porquê de ter escolhido Agloe: “[...] E Agloe é um lugar onde uma criação de papel se tornou real. Um ponto no mapa que se tornou de verdade, mais do que as pessoas que o criaram poderiam imaginar. [...]” (GREEN, 2014, p. 243). Margo sentia esperanças de que assim como Agloe, também pudesse se tornar mais real, pois ela sentia-se superficial, uma garota de papel, durante todo o tempo que morou em Orlando.

Toda essa viagem, permitiu que o personagem de Quentin conhecesse realmente Margo, e não apenas aquilo que ele imaginava que ela fosse, e com Margo acontece o mesmo. Por mais que Quentin desejasse que ela voltasse para Orlando ele finalmente entendeu que isso não podia ser apenas uma vontade dele, que precisava respeitar a escolha de Margo. Após toda essa aventura ele voltou para casa com seus amigos para sua vida, mas com uma visão diferente, com um olhar mais atento a tudo e a todos.

A obra literária analisada apresenta uma riqueza de conhecimentos e detalhes sobre o espaço urbano, pois, através dos personagens o autor permite que conheçamos paisagens diferenciadas, formas e funções dos lugares, temáticas que permitem uma abordagem geográfica. O personagem principal apresenta um conhecimento sobre o lugar onde mora, e consegue transmitir nas suas narrativas uma análise do espaço e seu entorno de forma crítica e com olhar apurado aos detalhes descritos na trama.

### **Considerações Finais**

Durante todo o trabalho buscamos expor que a geografia pode dialogar com a literatura e que podemos unir essas duas áreas através do estudo analítico de obras literárias. No levantamento de estudos a respeito da temática descobrimos que outros

autores já haviam debatido e se debruçado sobre essa possibilidade e que de fato ela pode se concretizar e possibilitar troca de conhecimentos para ambas as áreas.

Tendo em vista uma base teórica consolidada no que pretendíamos trabalhar, partimos para a análise da obra escolhida, e através do método da percepção pudemos citar no decorrer do nosso resultado, trechos da obra, em que existe uma linguagem geográfica contida nas entrelinhas e por meio de uma leitura atenta e aguçada pode ser encontrada. É assim, cremos ter atingido nosso principal objetivo.

A obra literária aqui estudada, dentre outras podem vim a servir de base para que outros profissionais da Geografia tenham a oportunidade de conhecer a temática apresentada pelos autores literários e identificar conhecimentos ligados às categorias geográficas que podem ser explorados em sala com os alunos através de análises de obras literárias.

Esse trabalho propõe como recurso metodológico novas sugestões de obras literárias que podem ser analisadas por geógrafos e trabalhadas no contexto da disciplina de Geografia na escola, como sugestão indicamos também: *Os sertões* (1975), de Euclides da Cunha; *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos e *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, ambas obras clássicas da literatura brasileira e que já foram analisadas em outros trabalhos desenvolvidos por pesquisadores a respeito da temática da geografia e literatura, onde destaca-se o cenário nordestino, descrevendo aspectos físicos, econômicos e sociais presentes na região, associados à realidade da época em que foram escritos.

Esperamos, por meio deste trabalho, ampliar os olhares metodológicos dos profissionais da área, despontando horizontes abertos à geografia através do mundo da literatura, que não se restrinjam a utilizar apenas as obras já amplamente conhecidas e apontadas em outros estudos, mas que possam buscar outras, e assim abrir um leque, ainda maior, de opções de temáticas de conteúdos e conceitos geográficos. A leitura atenta aos detalhes possibilitará um olhar aguçado a respeito daquilo que observamos ao nosso entorno, mas também, ao que está “escondido” nas páginas dos livros, necessitamos decodificar as informações geográficas presentes nas narrativas dos livros literários.

Os alunos, ao realizarem a leitura de livros literários nas aulas de Geografia, serão levados a exercitarem a imaginação, a interpretar os textos, criar um olhar mais detalhista, e não apenas uma leitura superficial das obras, mas que possam compreender os fatos narrados pelo autor aguçando a sua percepção.

Por meio da obra *Cidades de Papel* foi possível viajar por diferentes paisagens, identificar o sentimento de pertencimento que seus personagens apresentam em relação aos lugares, a importância de localizar-se dentro do espaço, identificar a configuração das cidades, as suas formas, funções, e transformações ao longo do tempo. Por mais que seja uma estória fictícia, a carga de informações e conhecimento são essenciais e aplicáveis para o entendimento das realidades geográficas.

## Referências

AMORIM FILHO, O. B. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B (org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010. p. 79-98.

ARAÚJO, H. A. *Geografia e literatura: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho*. 2007. 152 p. Dissertação (Mestrado em geografia) – Programa de pós-graduação em geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2007.

ANTONELLO, I. T. As territorialidades amazônicas reluzem na narrativa literária de Peregrino Júnior. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B (org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010. p. 169-190.

BASTOS, A. R. V. R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-17, 1998. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316>. Acesso em: 22 maio 2018.

CARVALHO, R. J. Reflexões sobre geografia e literatura. *ÁGORA*, Cerro Grande, n. 19, p. 80-89, dez. 2014.

FEITOSA, M. M. M. *et al.* O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 185-193, jan/jul. 2012.

FERREIRA, M. C. *Cidade e forma literária: Representações urbanas na literatura brasileira contemporânea*. 2015. 96 p. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo) – Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos: 2015.

GREEN, J. *Cidades de papel*. Tradução de Juliana Romeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: intrínseca, 2014. 256 p.

OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. A geografia e a literatura: Uma reflexão. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez. 2008.

PINHEIRO NETO, J. E. Geografia e literatura: A paisagem geográfica e ficcional em Morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 322-340, ago. 2012.

RICHTER, D. Análise dos mapas mentais. In: RICHTER, D. *O mapa mental no ensino de geografia: Concepções e propostas para o trabalho docente*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011. p. 133-254. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109202/ISBN9788579832277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2018.

SOUSA, D. D. A. *Geografia e literatura no caminho de os sertões e vidas secas*. 2014, 87 p. Monografia (Curso de Licenciatura plena em geografia) - Universidade Federal de Campina

Grande, 2014. Disponível em:

<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/danielliDantas.pdf>. Acesso em: 20 Maio 2018

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de geografia e a literatura: Uma contribuição estética. *Caminhos de geografia*, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80-89, Mar. 2014.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

---

Francisca Linara da Silva Chaves

Mestranda em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Sítio Baixio, Zona Rural, Cep: 63470-000, Ereré-CE.

E-mail: [linarachaves@hotmail.com](mailto:linarachaves@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7143-8494>

Luiz Eduardo do Nascimento Neto

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente docente do departamento de geografia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Rua Marta Neta de Almeida, 22, Bairro Arizona, Pau dos Ferros-RN, Cep: 59900-000

E-mail: [luizeduardo@uern.br](mailto:luizeduardo@uern.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1933-7001>

---

Recebido para publicação em agosto de 2020.

Aprovado para publicação em abril de 2021.